

SOBRAL: TENTATIVA DE
INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA
DE SUA AÇÃO POLARIZADORA
SOBRE A REGIÃO (*)

JOÃO POMPEU DE SOUZA BRASIL

O estudo de uma região pode ser feito segundo os mais variados critérios e orientações. Aqui, estamos tentando apresentar a região polarizada pela cidade de Sobral, Estado do Ceará, em uma visão diacrônica da ocupação do território, da emergência do núcleo urbano e da função deste último como centro de organização econômica, social e política da região. Assim, dividiremos o trabalho em itens que tratam de aspectos diversos, porém relacionados, do processo histórico da cidade e de sua região polarizada (1).

Não é nossa pretensão analisar, neste artigo, todas as variáveis envolvidas no fenômeno estudado, nem também nos propomos a um estudo profundo e definitivo do mesmo. Utilizamos das informações históricas acessíveis, selecionamos alguns aspectos que nos pareceram relevantes e tentamos explicar o fato desta cidade ter-se desenvolvido excepcionalmente na região e assumido a posição de centro polarizador das atividades sócio-econômicas na mesma. Assim, esperamos que este trabalho sirva tanto como estímulo a novos estudos mais profundos quanto como divulgação de fatos relativos à

(*) Este trabalho resulta de um estudo feito para a Superintendência do Desenvolvimento do Estado do Ceará (SUDEC) a quem o autor deve e agradece os meios para a sua consecução.

(1) Para alguns autores (F. Perroux, M. Rochefort, Boudeville, B. Kayser) toda região ocupada por grupos humanos civilizados se organiza em torno de um centro, geralmente uma cidade, que orienta parte da vida econômica, social, e política e é conhecido na literatura especializada como "pólo".

evolução dos núcleos urbanos da sociedade rural nordestina. Por outro lado, não tivemos a preocupação de nos conservar fiéis a qualquer corpo específico de teoria ou orientação metodológica. Utilizamos conceitos de geografia para estudos de polarização e organização do espaço ao mesmo tempo que conhecimentos de sociologia e antropologia capazes de facilitar uma interpretação predominantemente ecológica de fenômenos sócio-culturais.

OCUPAÇÃO DAS TERRAS NO CENTRO-NORTE DO CEARÁ

No processo de expansão da sociedade colonial brasileira, a ocupação dos sertões do Norte do Ceará teve início com o estabelecimento das primeiras fazendas de criar nas margens do rio Acaraú e seus tributários mais importantes por volta do fim do século dezessete e início do século dezoito (2). No registro das Sesmarias Cearenses (3) encontram-se assentamentos datados de 1683 (sete doações de 3x2 léguas) até 1823. No referido documento encontra-se, entre observações constantes de uma concessão feita a Felix da Cunha Linhares, em 16-5-1707, o seguinte: "Nas ilhargas de Felix Linhares que se diz povoador da região do rio Acaraú e riacho dos Macacos". Também D. José Tupinambá da Frota (4) acentua que "já em 1690 Felix da Cunha Linhares fixava sua residência no lugar a que deu o nome de S. José" onde construiu uma capela em 1718, e lembra que esse lugar fica a três léguas do sítio onde hoje assenta a cidade de Sobral. Continuando o seu registro, o mesmo autor escreve que "outros sesmeiros vieram, como Antônio Rodrigues Magalhães que doou terras para o patrimônio de N. Sa. da Conceição de Sobral, Manoel Medeiros Matos, Manoel Vaz Carrasco..., Jerônimo Machado de Freire..., " e vários outros que chegaram na mesma época ou vieram logo após.

Esses ocupantes dos sertões do Norte eram originários principalmente dos Estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte que de lá saíram "fugindo às vexações da guerra holandesa, ou correndo diante dos invasores" (5) ou por motivos menos dramáticos como o natural interesse pela posse de terras devolutas que já rareavam nas proximidades dos grandes latifúndios monocultores de cana-de-açúcar da Zona da Mata. Capistrano (6), ao tratar do

(2) Ressalvem-se aqui as incursões e até fixação de franceses, portugueses e não-brasileiros à serra da Ibiapaba que já vinham ocorrendo desde o século XVI.

(3) Organizadas por Thomás Pompeu Sobrinho.

(4) História de Sobral: p. 33.

(5) João Brígido; apud. José Tupinambá, op. cit., p. 32. (Como os holandeses saíram do Brasil em 1654 a afirmativa da citação torna-se mais válida para outros sertões mais próximos da Zona-da-Mata de onde, possivelmente, tenham vindo muitos dos colonizadores que ocuparam o interior do Ceará.)

(6) J. C. de Abreu — Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil: p. 66.

povoamento das terras do Nordeste, quando distingue os sertões povoados predominantemente por balanos daqueles povoados por pernambucanos escreve: "Dos pontos extremos a que chegou a ascendência de Pernambuco para o Norte podemos indicar Lavras no Jaguaribe..., e Caiçara ou Sobral, na ribeira do Acaraú".

É justo se supor que a invasão holandesa tenha apressado o processo de ocupação dos sertões do Ceará pois, como escreve Pompeu Sobrinho, "sem as lutas para a expulsão dos batavos, a penetração do nordeste do Brasil teria sido retardada ainda por alguns anos. Não se podia exigir dos agricultores de cana, gente radcada fortemente à terra feraz que tudo produzia, gente cujas energias eram todas absorvidas pela labuta das plantações, da moagem, e do comércio, empresas que exorbitassem dos seus largos domínios" (7). Porém no caso do nosso interesse específico, independentemente dos motivos mais significativos que trouxeram os primeiros fazendeiros à zona norte do Estado, convém ressaltar que por motivos de ordem geográfica — boa qualidade dos pastos (pelo menos como eram considerados na época) para os rebanhos, profundidade e largura dos aluviões dos rios, abundância e boa qualidade de água e proximidade de duas serras frescas e apropriadas para atividade agrícola diversificada — foi nas proximidades do lugar onde hoje se encontra Sobral que se instalaram os primeiros colonos a chegar àquelas bandas. "Riacho dos Guimarães, São José e Caiçara foram os primeiros pontos escolhidos pelos que chegaram às terras do Acaraú" (8)

EMERGÊNCIA DO AGLOMERADO URBANO E SUAS FUNÇÕES INICIAIS

Entretanto, é comum, na literatura geográfica referente ao assunto, a observação de que o surgimento de adensamentos demográficos, principalmente aqueles que evoluem para centros urbanos de maior dinamismo e capacidade de polarização da região circundante (9), não pode ser explicado apenas por fatores fisiográficos. Estes, no caso de nossa análise, explicam por si só apenas a preferência dos colonos em estabelecerem suas fazendas na região; o que também ocorreu em muitos pontos dos sertões nordestinos.

O que queremos explicar em seguida é o desenvolvimento da cidade de Sobral, a qual, a nosso ver, tem sido o principal motor do crescimento econômico de toda uma grande área polarizada por ela desde os tempos coloniais. Aqui os dados históricos são de capital importância para o entendimento do fenômeno.

Sobral, como núcleo urbano, teve origem na sede de uma fazenda

(7) "O Homem do Nordeste". Revista do Instituto do Ceará: p. 346.
(8) J. T. da Frota, op. cit. — p. 33.
(9) Como é o caso de Sobral.

de criar convenientemente situada em cruzamento de caminhos de movimento relativamente considerável (10). Porém, parece que apesar de muito significativo não foi este o fato "principal na determinação do rápido crescimento inicial do povoado; mas sim a vinda do padre João de Matos Monteiro para a ribeira do Acaraú em 1712. Este sacerdote, coadjutor do vigário de Fortaleza a cuja freguesia pertencia a dita ribeira, permaneceu por mais de quatro anos como visitante daquelas paragens o que animou aos moradores da região (àquela época extremamente fervorosos em sua fé católica) a se dirigirem ao bispado de Olinda para o pedirem por cura; pedido em que foram atendidos.

"O curato do Acaraú, como era registrado, compreendia então a grande área que se estendia desde o rio Mundaú até a serra da Ibiapaba, também incluída, e se obrigaram os moradores do lugar a pagar-lhe (ao cura) de conhecença um boi por cada fazenda" (11). A sede do curato passou a ser a fazenda Caiçara, desde 1742 quando se iniciou a construção da igreja matriz em terreno doado pelo fazendeiro proprietário.

Atentemos porém à citação que se refere ao *pagamento de um boi por fazenda*. Isto, naturalmente, implica na necessidade de comunicação periódica do cura com todos os fazendeiros da ampla região; se não por razões do ofício sacerdotal, pelo menos em função da necessidade de controle das suas rendas. A influência, tanto religiosa como econômica, do padre já pode ser considerada como a primeira forma de convergência da vida social do curato para sua sede, que não era outra senão Caiçara. E essa convergência pode também ser vista como uma forma de polarização, mesmo que incipiente. Uma boa confirmação encontra-se no livro de Tupinambá, onde diz: "A construção da matriz na fazenda Caiçara e a presença assídua do cura contribuíram para o desenvolvimento do povoado para onde vinham de toda a circunvizinhança novos habitantes" (12).

Evidentemente não se pode atribuir específica e diretamente à construção da matriz e à presença assídua do cura o desenvolvimento do povoado. Sabe-se que em sociedades portadoras de religiosidade intensa a presença do templo atrai os fiéis; estes atraem os comerciantes e, por sua vez, a presença de unidades de abastecimento chama populações dispersas em zonas de rala densidade demográfica. Queremos lembrar com isso que a Igreja gerou outros serviços e o conjunto destes deu lugar ao adensamento demográfico que pode ser considerado o fator mais diretamente responsável pelo desenvolvimento local.

(10) Isto, entretanto, não é fato excepcional no estudo da gênese das cidades sertanejas, principalmente do Nordeste. Icó, Quixeramobim Juazeiro e muitas outras cidades do nosso sertão tiveram origem semelhante.

(11) João Ribeiro Pessoa. "Notícias da freguesia de N. Sa. da Conceição da Caiçara". Revista do Instituto do Ceará: p. 136. (O conteúdo do parêntese é nosso).

(12) J. T. Frota — op. cit.: p. 299.

AS ESTRADAS, FATOR E CONSEQUÊNCIA DO CRESCIMENTO

Depois, em 1757, o bispo de Pernambuco subdividiu o curato do Acaraú em quatro, permanecendo o povoado de Caiçara como sede de uma das freguesias: a de N. Sa. da Conceição de Caiçara. A despeito da diminuição da área de influência da igreja, o povoado continuou crescendo, pois "em 1768, conforme o relatório do padre João Ribeiro Pessoa, já existiam na povoação de Caiçara setenta e cinco casas, das quais cinquenta e três eram de telha" (13). Quarenta e sete anos depois contavam-se 237 casas. Agora o crescimento já se apresenta devido a vários fatores, principalmente à combinação daqueles geográficos e econômicos, como a localização do aglomerado no entroncamento das estradas ligando o litoral ao interior e das serras próximas demandando a Ibiapaba, além do impressionante crescimento dos rebanhos bovinos da ribeira do Acaraú. Tem-se idéia do desenvolvimento inicial do criatório naquela região ao se examinar o testamento de Felix da Cunha Linhares, um dos primeiros fazendeiros a se fixarem na zona, quando se verifica que do dito documento consta a posse de muitas centenas de cabeças de gado.

Ora, é natural que crescendo a riqueza social, aumentando o excedente sobre as necessidades mais imediatas de subsistência e organização do grupo local, houvesse providências no sentido da mercantilização desses excedentes para aquisição de bens mais sofisticados, inexistentes na redondeza. O principal excedente, a mercadoria básica na economia da época, era o boi. Portanto, foi tangendo boladas para as praças de mercado que se melhoraram e aumentaram os caminhos e os sistemas de transportes e comunicação entre a zona Norte do Ceará e os centros consumidores acessíveis à mesma no País. E o centro urbano por excelência na zona Norte era Sobral; enquanto que as praças de consumo para os produtos excedentes de Sobral e sua região se encontravam na Zona da Mata ou no Recôncavo baiano. Assim é que, de estreitas e tortuosas trilhas ligando os diversos pontos povoados das ribeiras do Acaraú e Co-reau aos embarcadouros da orla marinha correspondente, o delgado *caminho da Caiçara* dos tempos do desbravamento evoluiu para uma das estradas mais movimentadas da segunda metade do século XVIII. Além de melhorado no trecho que liga Sobral a Acaraú, esse caminho foi estendido em direção ao sul até alcançar, em Quixeramobim, o outro caminho, mais antigo, que ligava os sertões do Plauí aos grandes centros de Recife e Olinda.

Inicialmente o comércio entre Caiçara (ou Sobral) e Recife ou Salvador se fazia segundo o seguinte roteiro: Os gados de diversos fazendeiros eram concentrados em grandes boladas (de 150 a 300

(13) J. T. Frota — op. cit.: p. 301.

cabeças, segundo Antonil (14) após a primeira etapa do processo de comercialização, ocorrida em Sobral ou proximidades. Daí as boiadas ou, eventualmente, tropas de burros de carga com produtos da terra, partiam, varando o sertão em demanda a Salvador ou Recife, com parada final para negociação nas grandes feiras dos arredores daqueles grandes centros. Feita a venda do gado, compravam-se, nas capitais, comodidades diversas segundo as encomendas ou a expectativa do gosto dos potentados do Norte, com parte do apurado, e se iniciava a operação de retorno, geralmente por mar, até o porto do Acaraú, de onde se vinha por terra a Sobral, ponto de distribuição das mercadorias adquiridas para as fazendas ou povoados circunvizinhos, onde residissem os interessados.

A explicação para a preferência pelo roteiro assinalado era, entre outras de menor significação, a dificuldade para a navegação a vela pelas costas do Norte no sentido de Oeste a Leste devido a orientação das correntes marinhas e dos ventos predominantes que sempre eram contrários e opunham grande dificuldade a quem navegasse naquele sentido. “Uma das mais dificultosas e trabalhosas navegações de todo o mar oceano é a que se faz do Maranhão até o rio Ceará por costa, não só pelos muitos e cegos baixios, de que toda está cortada, mas muito mais pela pertinácia dos ventos e perpétua correnteza das águas. Vem esta correnteza feita desde o cabo da Boa Esperança com todo o peso das águas do Oceano na travessa, onde ele é mais largo, que é entre as duas costas de África e América e começando a descabeçar desde o cabo de Santo Agostinho até o cabo do Norte, é notável a força que em todo aquele cotovelo de costa faz o ímpeto da corrente, levando após si não só tanta parte da mesma terra que tem comido mas ainda os próprios céus e os ventos que em companhia das águas e como arrebatados delas, perpetuamente de Leste a Oeste.

Com esta contrariedade contínua das águas e dos ventos, que ordinariamente são brisas desfeitas, fica toda a costa deste Estado quase inavegável para barlavento, de sorte que do Pará para Maranhão de nem um modo se pode navegar por fora e do Maranhão para o Ceará com grandíssima dificuldade, e só em certos meses do ano que são os de maior inverno” (15). Assim, as viagens para Recife e Salvador eram preferivelmente feitas por terra, mormente quando se pretendia transportar animais cujos fretes eram caros e exigiam alimentação e água durante o trajeto. Na volta, por outro lado, tudo favorecia a escolha do transporte marítimo. As mercadorias, com exceção de algum eventual escravo, eram produtos manufaturados e dinheiro em ouro ou prata cujo transporte em navios não representava qualquer dificuldade, mas, pelo contrário, maior facilidade e segurança. Ademais, no percurso marítimo entre Bahia e

(14) *Cultura e Opulência do Brasil*. p. 311.

(15) Antônio Vieira, apud. Capistrano, op. cit.: pp.: 117, 118..

Pernambuco e os portos mais do Norte, todas as condições naturais eram favoráveis (16).

Esse intercâmbio entre Sobral e Recife tornou-se tão intenso que, ainda no século XVIII, houve anos em que trafegaram até 900 carros de boi entre Sobral e Acaraú (principal porto a servir a região na época), nos meses de estio.

A INDÚSTRIA DE CARNE-SECA

Ocorria, entretanto, que, se por um lado a demora no trajeto marítimo entre os portos exportadores e os compradores opunham obstáculos ao transporte de bois, por outro, as dificuldades e prejuízos decorrentes das compridas travessias de várias centenas de quilômetros por caminhos quase desertos e carentes de policiamento vieram mostrar aos criadores cearenses e piaulenses que a concorrência com seitanijos norte-riograndenses, paraibanos, pernambucanos e baianos era muito desvantajosa para eles e, por isso, os ditos cearenses e piaulenses, numa verdadeira demonstração de adaptação cultural às condições ecológicas, desenvolveram (ou tomaram por empréstimo cultural) técnicas para exportar sua matéria-prima já industrialmente preparada para a distribuição aos consumidores. Assim, em vez de exportar bois, passaram a exportar carne reduzida a mantas semidesidratadas por efeito das condições climáticas favoráveis, e conservadas contra a deterioração pelo sal abundante em nossos litorais. Com a carne, exportavam-se também peles e sebo. Com isso, novamente as atenções voltaram-se para o transporte marítimo, mesmo nas operações de exportação, a despeito das dificuldades de navegação. Só que agora a demora já não representava perigo de dano à mercadoria exportada. A carne-seca não deteriorava nem exigia alimento enquanto viajava.

Logo, então, os ricos de Sobral verificaram a vantagem de montar suas indústrias de abate, salgamento e secagem de carne (*as oficinas*) próximo aos embarcadouros, e, com isso, transferiram as referidas indústrias para o porto do Acaraú que, a partir de então, cresceu como povoado com o nome de Oficinas. Vê-se, assim, que Acaraú, tendo como circunstância geográfica favorável para o desenvolvimento a barra do rio homônimo, deve, além disso, o seu desenvolvimento inicial aos interesses econômicos e à expansão de Sobral como centro de organização funcional da região, que sempre foi.

(16) Nas viagens de Norte a Sul, os navios transportavam outras mercadorias, excedentes da economia das capitanias do Norte; evitando porém o transporte de seres vivos irracionais.

Para efeito analítico, interessa-nos lembrar que por todo o século XVIII a principal, senão única, base da economia de excedentes nos sertões de Sobral, como na grande maioria dos sertões nordestinos, foi a pecuária. Tanto que, no fim do século, em carta do governador da capitania Bernardo Manuel de Vasconcelos, pode-se ler, depois de referências a Aracati como a povoação de primeira preferência por exportar anualmente carne de mais de cinqüenta mil bois e mais de vinte arrobas de algodão, o seguinte: "... A segunda grandeza é a de Sobral assentada nas margens do Rio Acaraú de igual feitoria e comércio para muitas embarcações e especuladores das capitanias de Pernambuco e Bahia; ..." (17). "Para que se faça justo conceito das boladas que se tiram cada ano dos currais do Brasil, escrevia Antonil em 1711, basta advertir que todos os rolos de tabaco (27 500) que se embarcam para qualquer parte vão encourados.

Além disto, vão cada ano da Bahia para o reino até cinqüenta mil; de Pernambuco, quarenta mil, e do Rio de Janeiro (...) até vinte mil, que vem a ser, por todos, cento e dez mil meios de sola" (18). E Capistrano (19), "Fimdo o século XVII estava todo o Ceará devastado, os índios uns reduzidos a aldeias, outros vivendo em paz, ao lado dos colcos. A criação de gados era a principal ocupação dos habitantes; a agricultura rudimentar reduzia-se à produção de gêneros de consumo local, pois outros não pagariam as despesas de transporte." Pompeu Sobrinho, (20) referindo-se à pecuária no Nordeste dos séculos passados, diz que "A indústria que, durante séculos conseguiu prosperar nas caatingas nordestinas, suplantando quaisquer outras foi a criação de gado bovino, equino, caprino, ovino, por isso que se correlaciona intimamente com a natureza da terra, com os caminhos e com a cultura do povo coevo. Nem as secas nem os índios reacionários puderam opor obstáculos sérios ao desenvolvimento da pecuária, malgrado os seus métodos rudimentaríssimos, porém suficientes para o tempo e para o meio social de então." E adiante: "A multiplicação do gado foi verdadeiramente prodigiosa entre o S. Francisco e Parnaíba, isto é, no domínio das caatingas. A exploração tornou-se sobremaneira rendosa, porque não exigia despesas, tudo era lucro, e, nestas condições, podia afrontar as secas. O gado que destas se salvasse seria ainda lucro e semente para ulterior e rápido aproveitamento dos campos..." No ano seguinte o mesmo autor escrevia mais especificamente sobre Sobral: "O sertão de Sobral, *afamado pela excelência do seu gado*, compreende a parte média e superior da bacia (do Acaraú), bem como quase toda a

(17) Apud J. T. da Frota; op. cit.: p. 317.

(18) *Cultura e Opulência do Brasil*, p. 310.

(19) *Op. cit.*, pp. 258, 259.

(20) "O Homem do Nordeste", cit.: pp. 334, 335.

baçia do Aracatiçu, ..." (21) Diegues Júnior (22) também faz referência ao criatório e à indústria das charqueadas das ribeiras do Acaraú, dando mostras da importância da região e do papel do gado para sua economia. E Gustavo Barroso (23) tratando de coisas do Ceará, traz um novo elemento para análise quando se refere à grande seca de 1790 a 1794 nos seguintes termos: "... a grande e horrenda seca de 1790 a 1794, que devastou os rebanhos sertanejos e acabou de vez com a produção de carne-seca... "Quando a temerosa seca findou, havia tamanha falta de gado nos sertões cearenses que se tornou necessário mandar buscar algumas manadas no Piauí, onde não fora tão forte a crise climática, a fim de repovoá-los..."

GRANDES FATORES DE MUDANÇA

A seca de 1790-1794, marco de nova fase na economia da região

Esta seca, dizimando os rebanhos do Ceará, representou o marco final da fase das exportações de carne-seca do Estado e o início do cultivo mais sistemático do algodão, para interesses mercantis. A propósito da introdução deste novo item na economia do Estado e mais especificamente da zona de influência de Sobral, que é o caso do nosso interesse, convém ler Carlos Studart Filho (24): "... Com o inverno de 1795, reorganiza-se a vida capitania sobre novas bases; novas perspectivas abrem-se aos povos nordestinos; muda por inteiro o ambiente econômico do Ceará. Já não constitui o principal, senão, mesmo, o único produto da terra, o gado curraleiro, essa mercadoria que anda e procura com os próprios pés os centros consumidores e cuja marcha condiciona e aperfeiçoa, por assim dizer, os caminhos que percorrem. Predominam agora as atividades agrícolas. O algodão, a cujo cultivo o cearense se vinha afeiçoando lentamente desde 1777 (ano de uma seca anterior), passa a primeira plana como fator de riqueza, riqueza que é preciso, porém, ser movimentada ativamente e dirigida ao litoral. Faz-se para isso necessário radical transformação dos meios de transporte. Urgia que os administradores voltassem as vistas para esse problema.

"Preocupado em facilitar o transporte dos algodões de toda a zona Norte da Capitania para a sua sede administrativa, onde em

(21) "O Nordeste e as Suas Feições Geográficas Mais Características", Rev. do Instituto do Ceará: pp. 138, 139 (o grifo e o conteúdo do parêntese são nossos).

(22) *Regiões Culturais do Brasil*: p. 150.

(23) *A Margem da História do Ceará*: p. 104.

(24) "Vias de Comunicação do Ceará Colonial", em *Revista do Instituto do Ceará*: pp. 40, 41.

melhores condições lhe parecia dever realizar-se o embarque do produto rumo aos mercados de Pernambuco e Maranhão, fez Bernardo Manuel de Vasconcelos construir entre as vilas de Fortaleza e Sobral uma estrada, que, partindo de Soure, cortava a vila da Imperatriz e S. Bento d'Amontada.

"Tal intuito levou-o igualmente a articular Sobral a Granja por um caminho que se estendia até as margens do Parnalva,...

"Anunciando o término dos trabalhos de abertura dessas duas vias de comunicação, em carta de 31 de março de 1802, ao Visconde de Anádia, o governador cearense lembraria, entusiasmado, o quanto concorrera para o êxito da empresa o auxílio prestimoso do capitão-mor da vila de Granja, Joaquim José Borges Pinto, e do negociante de Sobral, Antônio José da Silva, em favor dos quais pedia o hábito de S. Tiago."

Diversificação na Economia

Realmente, a comercialização do algodão, como a do gado em tempos anteriores, determinou um grande incremento nas vias de transporte de todo o Estado. Ao fim do primeiro quarto do século XIX, o Estado se encontrava todo cortado de caminhos ligando suas principais cidades de então. Sobral era um dos nós dessa grande rede de estradas.

Entretanto, a seca de 1790-94, mesmo dizimando os rebanhos e pondo fim à indústria das charqueadas (25), não arrefeceu o ânimo dos fazendeiros pela pecuária. Apenas suspendeu os negócios com o gado por algum tempo enquanto se refaziam os plantéis, o que ocorreu, em muitos casos, com a compra de novas sementes na ribeira do Parnaíba, Estado do Piauí. Por outro lado, o aperfeiçoamento dos meios de transporte, em última instância, devido à referida seca, constituiu-se uma nova variável do sistema ecológico em que se inseria a sociedade camponesa da região polarizada por Sobral, fornecendo alternativas para a exploração mais intensiva dos recursos agrícolas e minerais. Assim é que, logo em seguida ao algodão, outros produtos da agricultura, que até então eram explorados nas fazendas apenas para auto-abastecimento, começaram a entrar no mercado de exportação. Alguns com destino a outras regiões ou províncias, outros apenas se deslocando das diversas unidades de produção na área para o seu centro urbano polarizador que crescia demográfica e economicamente, e exigia maior e mais sofisticado abastecimento.

(25) É bom admitir que a seca de 1790-94 não seja talvez o fator único que deu fim às charqueadas, visto que a província do Rio Grande do Sul já desenvolvia celeremente essa técnica e vinha tomando o mercado de carne no Brasil em situação de concorrência mais vantajosa em vários aspectos.

Sobral continuava sempre na hegemonia do comércio, da vida religiosa e da vida política da zona Norte do Estado. No ano de 1810 iniciou-se a exportação do algodão armazenado em Sobral pelo porto do Acaraú (26). Pouco mais de dez anos depois, inaugurava-se naquela cidade de Sobral uma alfândega provisória; esforço do governo da província para controlar as transações comerciais de uma zona sobre a qual seu controle era muito limitado.

Aumentando a rede de relações comerciais, aumentando sempre, decorrentemente, o número e a qualidade das necessidades da sociedade local e a solicitação por maior quantidade dos produtos conhecidos e por maior variedade de produtos. Tudo continuava a crescer em um processo de realimentação mútua das partes.

Eis que uma nova calamidade climática vem desorganizar o processo de crescimento econômico da cidade e da região, forçando novos reajustes. Foi a seca de 1844-45 que, nas palavras de Raimundo Girão, (27) acarretou "o enorme deslocamento humano... e desarticulou a entrosagem da vida sertaneja, acumulando vultosos prejuízos, mas serviu para despertar maior interesse pela agricultura, que recebeu fortes impulsos". Isto, dito para o Estado como um todo, serve perfeitamente para a zona de influência de Sobral, inserida que está no mesmo grande complexo geofísico e ecológico geral da região mais inclusiva (o Estado). Afeitos, entretanto, aos percalços da nossa irregularidade climática, os sertanejos logo se recompõem das desgraças e reiniciam a luta pela recomposição e melhoria da vida. Até os que emigram voltam, em grande parte, para seus torrões de origem.

Assim é que no meado do século XIX, a população dos sertões de Sobral já se encontrava recomposta, quiçá aumentada (28), e partindo para a segunda metade do século as rendas provindas da agricultura foram acrescidas com a introdução de outros itens no comércio de exportação. Juntam-se ao algodão alguns produtos da cana-de-açúcar, café, e, eventualmente, alguns outros itens alimentícios.

Já se pode perceber que as secas, como qualquer fenômeno de crise, apesar dos males que acarretam, são, de certo modo, sensíveis fatores de mudança, e que no caso específico dos sertões do centro-norte do Ceará, sempre trouxeram como resultado indireto alguns

(26) Atentemos para os fatos de que em 1799 o Ceará tornava-se independente de Pernambuco, com Governador próprio e capacitado para fazer transações diretas com o reino, e que em 1803 foram abertos os portos do Brasil para o comércio com o estrangeiro.

(27) "Panorama Econômico do Ceará", em O Ceará (3.^a ed.). O autor refere-se ao mesmo assunto em História Econômica do Ceará.

(28) A afirmativa se baseia no paralelo feito com o Estado. Na estimativa do Presidente (da província) Miranda, a população da província em 1839 era de 208 000 habitantes; em 1850, 350 000 segundo Tristão de Alencar Araripe, ou 400 000 segundo Villiers d'Ille Adam. Ora, se se registrou aumento para o Estado, não vemos razão para não ter havido na zona Norte do mesmo.

fatores de infra-estrutura para a modernização e crescimento econômico. Entre os prejuízos materiais das secas os de mais demorada recuperação foram sempre os que incidem na pecuária. Os rebanhos não se refazem de um ano para outro, enquanto que os solos agricultáveis, destinados a cultivos sazonais, até que se revigoram nos anos de estiagem.

Subdivisão da propriedade

Outro fator de mudança que concorreu efetiva e diretamente para a diversificação da economia, forçando a introdução de novos itens e intensificando a produção dos já existentes foi a subdivisão dos grandes latifúndios pelo processo de sucessão hereditária.

Os grandes latifúndios da colônia e do império, constantes de grande número de sesmarias (29), representavam extensas áreas subutilizadas se examinadas pelos critérios modernos de aproveitamento de áreas rurais. Aqueles tempos, pelas razões já referidas (dificuldade de transporte, baixa densidade demográfica, fracos estímulos externos, e outros), o criatório bastava à manutenção de um bom padrão de vida para a elite e da satisfação razoável das necessidades primárias para a massa trabalhadora da sociedade sertaneja. O crescimento demográfico, entretanto, veio exigir a intensificação da exploração dos recursos ambientais. Cada nova família de fazendeiro que se compunha, necessitava de casa, currais, rebanhos e, principalmente, de áreas de pastos para seus rebanhos. Assim é que, premidos pela diminuição da área disponível para exploração e estimulados pelos acenos de melhores meios infraestruturais (como estradas) e do exemplo de outras regiões mais densamente povoadas, os proprietários foram aderindo sempre mais à exploração agrícola dos seus terrenos para implementar, com o produto desta atividade, as rendas advindas da pecuária. A consequência mais evidente de tudo isto foi a divisão das propriedades, principalmente por sucessão hereditária, em unidades sempre menores que, por limitação de recursos naturais disponíveis com a tecnologia da época, passaram a ter seus limites definidos com cercas que evitavam o uso comum das áreas de pastagens por vários fazendeiros vizinhos, como fora costume até fins do século passado (30). No plano organizacio-

(29) No Nordeste, as sesmarias concedidas tinham áreas que variavam entre 5 000ha. (aproximadamente) e 25 000ha. (aproximadamente), nos casos mais comuns.

(30) Este processo de fracionamento das unidades de produção agrícola chegou ao extremo de forçar, em certos casos, muitos filhos de famílias tradicionais de proprietários agrícolas a abandonarem seus terrenos para se agregarem, como parceiros ou assalariados, em grandes fazendas ou migrarem para as capitais. Por outro lado desenvolveu-se no século em curso um outro mecanismo que é o de reagrupamento das propriedades por compra de vários pequenos terrenos para composição de novas fazendas.

nal da vida social verificou-se a modificação gradativa nas relações de trabalho e produção. Acostados que viviam nas propriedades, explorando pequenos tratos de terra para plantios de subsistência, sem outros compromissos com os proprietários além da solidariedade política em casos de conflitos com vizinhos ou com as representações do governo, passaram a ser recrutados para o trabalho nos plantios dos fazendeiros com remuneração sempre muito abaixo dos padrões vigentes. Com o aumento dos rebanhos, a intensificação da exploração pecuária e a conseqüente mudança (mesmo pequena) nas técnicas pastoris, e a valorização sempre crescente do gado, a relação entre fazendeiros e vaqueiros foi-se modificando de contratos de parceria para assalariamento.

D. N. O. C. S.

A sucessão periódica das secas foi responsável pela criação, em 1909, de uma comissão de açudes que logo em seguida veio se transformar na Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas — I.F.O.C.S. (hoje Departamento Nacional de Obra Contra as Secas — D. N. O. C. S.) cujos serviços, mesmo atabalhoados e carentes de planejamento racional, resultaram em obras de significativo valor para o desenvolvimento da região. Muitos quilômetros de estradas de rodagem foram abertos e outras estradas, já existentes em condições precárias, melhoradas (31); poços artesianos, perfurados; barragens e, às vezes, sistemas de irrigação construídos (32), e até a estrada de ferro Fortaleza-Sobral recebeu verbas, na seca de 1942, para continuação dos trabalhos interrompidos então em Itapipoca (33). Tudo isso significou estímulos aceleradores do processo de mudança, principalmente de modernização. Como diz Raimundo Girão (34): “O automóvel e o “*casaco* mostraram ao matuto coisas desconhecidas, idéias novas, vontade nova e o transfiguraram. O comércio passou do costado das buralhadas para a boléia dos caminhões, mais intenso, mais extenso... Com a facilidade dos transportes e das comunicações, os produtos se valorizaram e outros vieram integrar o parque de sua exportação. Os açudes verdejaram várzeas incultivadas, deram estabilidade maior aos currais e alimentaram melhor os engenhos e as fábricas de beneficiamento.”

(31) Como exemplo temos a estrada de rodagem Sobral-Meruoca, construída entre 1913-1918, e as outras de Granja-Viçosa, Sobral-Ibiapaba, Massapê-Coreaú e Massapê-Meruoca; na seca de 1919.

(32) Para Sobral e municípios circunvizinhos podemos citar os açudes públicos: Acaraú-Mirim, Jordão, Araras, Santa Maria, Jalbaras, Forquilha, Aracatiagu e São Pedro da Timbaúba (atual Miraíma ou São Pedro da Miraíma).

(33) A ligação ferroviária entre Fortaleza e Sobral se completou no início da década de 1950.

(34) O Ceará: p. 124.

SÍNTESE DA EVOLUÇÃO POLÍTICA

A evolução política de Sobral pode ser resumida a três fases: 1) Período de gestação do núcleo urbano, do início do século XVIII até 1773; 2) Período da Vila Distinta e Real de Sobral, de 1773 a 1841 e 3) Período da Sobral cidade com funções diversificadas, de 1841 aos dias atuais.

O primeiro período correspondente ao surgimento das diversas fazendas da ribeira do Acaraú, principalmente aquelas, já referidas dos arredores do sítio da atual cidade. Nesta fase a organização e o poder político permaneceram, sob forma mais ou menos informal e não codificada, entre os grandes latifundiários e os representantes da igreja católica. Foi a fase que poderíamos chamar de eclesiástica pela importância que teve a instalação do curato no crescimento do povoado. Também nesta fase o crescimento do lugar foi suficientemente significativo para que os vereadores da comarca de Aquiraz propusessem a transferência da vila de Fortaleza para a *Ribeira do Acaraú, lugar Caiçara*.

Em 1773, início do segundo período, a povoação Caiçara foi ereta em vila com o novo nome de Vila Distinta e Real de Sobral. Foi a sétima povoação cearense a ser promovida a vila. Na categoria de vila, os centros urbanos ganhavam a capacidade para eleger pelo voto popular — na época representado pelos proprietários locais — a sua Câmara Municipal de Comarca. Seus representantes eram escolhidos trienalmente e tinham como atribuições “regular as feiras e mercados, assim como o trânsito, gerir os bens da comuna e as suas receitas, construir, reparar e conservar estradas, pontes e calçadas, arborizar e limpar as ruas e praças, levantar edifícios, regulamentar as profissões do comércio e dos ofícios e, além doutras, ter livre a faculdade de representar contra as autoridades aos respectivos superiores e até ao Rei”. (35).

Neste período desenvolveram-se e estreitaram-se consideravelmente as relações de Sobral com Recife, pois nesta cidade se encontrava a sede do poder providencial a que estava subordinado todo o Ceará. Foi a fase de estruturação das elites sociais e políticas da vila, feita segundo moldes copiados e adaptados dos padrões da Zona da Mata. Fortaleza e Aquiraz não contavam com influência, nem mesmo pequena, principalmente pelo isolamento em que vivia a Zona Norte do Ceará em relação a essas vilas.

O terceiro período é o das grandes mudanças e principalmente da afirmação de Sobral como núcleo urbano pólo de uma região sempre maior. O fato político que marca o início desta fase é a elevação da vila à categoria de cidade, em 12 de janeiro de 1841 pela lei número 229. Como cidade, Sobral teve inicialmente o nome de Fide-

(35) Raimundo Girão — Pequena História do Ceará, p. 137.

líssima Cidade de Januária do Acaraú, nome com que ficou apenas por um ano e alguns meses quando voltou a ser novamente chamada de Sobral.

Dentre os muitos acontecimentos deste período importa destacar o ofício de 1.10.1873 da Comarca Municipal ao Governo da Província mostrando a necessidade e requerendo a construção de uma estrada de ferro que ligasse aquela cidade ao porto de Camucim. O fato impressionante é que a ferrovia foi aprovada no Senado e autorizada sua construção em 1878, com um período relativamente breve de tramitação do processo para a época e a categoria política dos interessados requerentes. Em dezembro de 1882 era inaugurada a estação de Sobral e aberto o trânsito ferroviário entre esta cidade e Camucim. Não bastando isso, os sobralenses conseguiram recursos para estender a ferrovia rumo ao interior e em outubro de 1894 tinham comunicação ferroviária com Ipu e com Crateús em dezembro de 1912.

Chamo a atenção deste fato para mostrar como Sobral, no seu isolamento em relação a Fortaleza, incrementava seu controle sobre a região norte do Estado, atuando como que se fosse a "capital" daquela zona. A estrada de ferro constituiu-se o aperfeiçoamento fundamental para permitir a Sobral viver e se desenvolver independentemente de Fortaleza.

RESUMO E CONCLUSÕES

Resumindo os comentários acima, podemos concluir que:

— A ocupação da região Norte do Ceará deve-se aos mesmos motivos responsáveis pela ocupação de toda a área do Estado (estabelecimento de currais para criação);

— A preferência pelas terras da ribeira do Acaraú, nas vizinhanças do sítio onde se encontrava Sobral, deveu-se a fatores geográficos (solo, topografia e vegetação); e determinaram, juntamente com fatores de organização do espaço (cruzamento de estradas) e fatores culturais (construção de templo), o surgimento do aglomerado urbano que veio a ser Caiçara, depois Sobral;

— O desenvolvimento excepcional de Caiçara foi devido aos fatores já citados, associados ao isolamento espacial e à ação polarizadora da Igreja Católica;

— Sobral sempre polarizou aquela região (no passado mais do que hoje);

— A economia de toda a região Norte do Ceará tinha base exclusiva no criatório para as transações comerciais, durante todo o século dezoito;

- As condições fisiográficas da região favorece a pecuária;
- A grande estigagem de 1790-1794, dizimando os rebanhos, permitiu o acesso do algodão, de produto para consumo local para produto de exportação;
- A exportação do algodão forçou a ampliação e melhoramento da rede de estradas ligando Sobral a outros pontos, tanto da sua área de influência como alheios a esta (isso vinha reforçar o efeito polarizador daquela cidade);
- Até os primeiros anos do século passado as comunicações de Sobral eram quase que exclusivas com Recife e Salvador e quase inexistentes com Fortaleza;
- As secas, de modo geral, favoreceram a diversificação da economia da região;
- O D.N.O.C.S. tem representado um grande fator de mudança, principalmente de modernização e diversificação da economia da região.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ABREU, J. Capistrano — *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*. (Ed. da Sociedade Capistrano de Abreu, Editora Brigulet, Rio de Janeiro, 1930).
- ANTONIL, André João (João Antonio Andreoni) — *Cultura e Opulência do Brasil*. (Texto da edição 1711). Editora Nacional. São Paulo, 1967.
- ARARIPE, Tristão de Alencar — *História da Província do Ceará*. (2.^a edição anotada). Ed. do Instituto do Ceará — Fortaleza, 1958.
- BARROSO, Gustavo — *A Margem da História do Ceará*. Imprensa Universitária do Ceará. Fortaleza, 1962.
- BOUDEVILLE, J. R. — *Les Espaces Economiques*. Preses Universitaires de France. Paris, 1961.
- *Um Exame das Técnicas Recentes de Análise Econômica Regional*. (Edição mimeografada). SUDENE. Recife, 1966.
- DIEGUES Jr. Manuel — *Regiões Culturais do Brasil*. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, I.N.E.P., M.E.C. Rio de Janeiro, 1960.
- FROTA, José Tupinambá da — *História de Sobral*. Edição da Pia Sociedade de São Paulo. Fortaleza, s/d.
- GIRÃO, Raimundo — *Pequena História do Ceará*. Editora do Instituto do Ceará. Fortaleza, 1962.
- *História Econômica do Ceará* — Editora do Instituto do Ceará.
- "Panorama Econômico do Ceará", em (A. Martins Filho e R. Girão eds.), *O Ceará* Ed. Instituto do Ceará. Fortaleza, 1966.
- KAYSER, B. — "La Région comme objet d'étude de la Géographie", em *La Géographie Active*. Preses Universitaires de France. Paris, 1964.
- PERROUX, F. — *L'Economie du XX^{ème} Siècle* (2.^a ed.). Preses Universitaires de France. Paris, 1964.
- PESSOA, João Ribeiro — "Notícias da Freguesia de N. Sa. da Condição da Caiçara". *Revista do Instituto do Ceará*. v. II, 1967.

- POMPEU SOBRINHO, Thomaz — “O Homem do Nordeste”. *Revista do Instituto do Ceará*. t. LI, 1937.
- “O Nordeste e suas Feições Geográficas Mais Características”. *Revista do Instituto do Ceará*. t. LII, 1938.
- *História das Secas*. Editora A. Batista Fontenele. Fortaleza. 1953.
- ROCHEFORT, M. — “Méthodes d'étude des réseaux urbains”: “Intérêt de l'analyse du Secteur Terciale de la Population Active”, in *Annales de Géographie*, n.º 354, Paris, s/d.
- STUDART FILHO, Carlos — “Vias de Comunicação do Ceará Colonial”. *Revista do Instituto do Ceará*. t. LI, 1937.